

Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 08 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos - por nascimento ou vivências. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

Autor

Márcio Roberto

Nasceu em Luanda, Angola, no início da estação de Cacimbo. Cresceu entre Luanda, Berna e Londres, onde se formou em Gestão de Negócios e em Relações Internacionais. Foi na adolescência que começou a escrever os seus primeiros textos. É apaixonado por saxofones e literatura, e é desta forma que consome o seu tempo livre: a ler, a escrever e a subtrair notas do seu saxofone.

Autor do romance juvenil "O Gigante Sem Coração" (2019), obra finalista no Prémio Literário Acácias, 2018.

Ilustrador

Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

Na Web

Sítio: www.lerecontar.com

Instagram: [@ler_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: www.facebook.com/Ler-Contar

Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego, Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Márcio Roberto

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grito

Proibida a venda.

as crianças da aldeia se encontravam sentadas sobre os sacos de serapilheira que decoravam o chão do jango, o Avô Panguila anunciou:

– A história que o avô vai contar hoje é a história do Leãofante.

– Leãofante? Que bicho é esse, Avô? – perguntou uma das crianças.

– É o que iremos descobrir já. Estamos preparados?

O Avô Panguila, com os olhos postos na Lua, como se ela também o escutasse, começou:

«Era uma vez uma família caluanda composta por pai, mãe e dois filhos. Lueji era o nome da filha mais velha, que tinha dez anos, e Ngueve o do rapaz, que tinha sete.

Naquele ano, ambos tinham passado de classe com distinção. Felizes e orgulhosos, os pais decidiram recompensar o esforço dos filhos com uma visita ao Parque Nacional da Cangandala.

– Filhos, amanhã rumamos a Malanje. Vamos fazer a tão sonhada visita ao Parque da Cangandala.

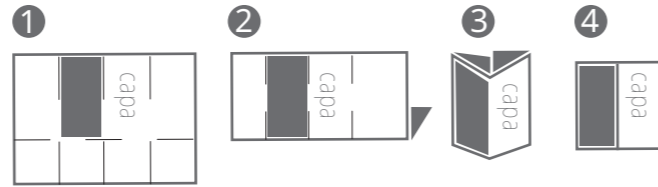
– IÉÉÉ!!!, vamos ver a Welwitschia Mirabilis, a única planta no mundo que sobrevive no meio do deserto – exclamou Ngueve.

2

Era a primeira vez que Ndonguito não adormecia embalado pelas histórias que o Avô Panguila sempre lhes contava. Então, viajou pela floresta, conheceu estranhas e poderosas criaturas. E aprendeu que o mais forte nem sempre é aquele que tem mais força.



Instruções de dobragem



1

LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

MÁRCIO ROBERTO

O LEÃOFANTE

parte 1

O Sol já se tinha despedido. A noite anunciava-se no cantarolar dos grilos. Grrri - grrri - grrri, cantarolavam eles, em harmonia com o ar gélido, próprio da época de cacimbo que obrigava as mããs da Aldeia do Ndongua a amarrar mais panos em torno dos seus troncos, e os monandengues, bem como os homens da aldeia, a agasalhar-se com vestes feitas a partir da pele de animais. O vento, afoito, desafiava os candeeiros a petróleo, e fazia as folhas das árvores dançar a sua música surda. Os relógios marcavam as seis e meia da tarde quando a Mamã Kuiba colocou a comida sobre a mesa – pirão com conduto – e chamou a família a reunir-se em torno dela para jantar. Os monandengues deliciavam-se com o repasto, antes de seguirem para o jango onde se reuniriam com o Avô Panguila, que ali os esperava todas as sextas-feiras.

Ndonguito, como de costume, foi a primeira criança a chegar ao jango; o Avô Panguila já lá se encontrava a fumar o seu cachimbo, sentado na cadeira de madeira tão anciã quanto o branco que lhe cobria o cabelo e a barba.

– Boa noite, Avô – cumprimentou Ndonguito.

– Hééé, boa noite, meu neto, como passou o dia? – retorquiu o Avô Panguila, que considerava seus netos todas as crianças da aldeia.

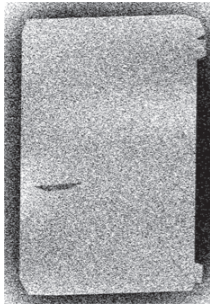
– Passei bem, Avô – respondeu o menino.

– Foi à escola aprender?

– Sim, Avô – disse.

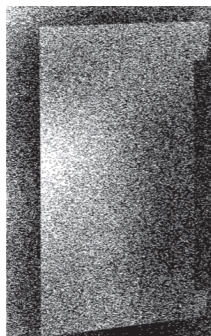
– Assim está bom. Quando já todas

– Ngueve, meu amor – disse a mãe - a Welwitschia Mirabilis fica no nosso território, mas não na província de Malanje, para onde vamos...
– Fica no Deserto do Namibe – interpôs Lueji.
– Exatamente, é o único sítio onde se pode encontrá-la. Aliás, o Deserto do Namibe fica no sul do nosso país, numa província com um nome semelhante. Há inclusive algo interessante sobre esse deserto...
– É o deserto mais antigo do mundo – completou Lueji
– nasce na Província do Namibe e estende-se até à vizinha República da Namíbia.
– Isso mesmo – disseram os pais a um tempo só.
– Então, o que vamos ver no Parque da Cangandala? – inquiriu Ngueve.
– Vamos ver outra raridade mundial, um animal que, assim como a planta Welwitschia, apenas existe no nosso território. Quem sabe dizer de que animal se trata? – perguntou a mãe.
– A Palanca Negra Gigante – suspirou de novo Lueji.
– A Palanca Negra Gigante – exclamou Ngueve.
– Certo – disse a mãe. – É um antílope raríssimo, nativo do nosso país, que só pode ser encontrado na Província de Malanje, exactamente nesta zona de Cangandala para onde vamos. Agora vamos comer, senão a comida arrefece.
Findo o jantar, a família seguiu para a cama; afinal de contas, teriam de se levantar cedo, e o dia seguinte já não tardaria em nascer.
Chegaram a Malanje. O enorme Parque Nacional



3

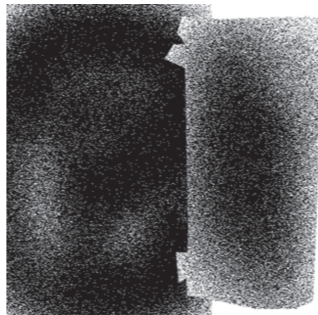
da Cangandala estava logo ali, à ponta do capô do carro. Tinham parado junto à entrada principal, já que a partir daquele ponto só os carros oficiais do parque podiam avançar.
Mas a próxima caravana de turistas só partiria dentro de quarenta e cinco minutos
– Então, ainda temos tempo para comer alguma coisa – animou o pai, apontando para o restaurante situado a escassos metros.
No momento em que a família se preparava para ocupar uma mesa, Ngueve disse que precisava de usar a casa de banho.
Coube a Lueji acompanhar o irmão.
Não o fez com grande entusiasmo. Seguiu, por isso, atrás de Ngueve, sem retirar os olhos do telemóvel, excepto para ver o irmão entrar numa das quatro casas de banho que, atrás deles, escondiam uma extensa e densa floresta.
Já tinha passado bastante tempo desde que Ngueve entrara para a casa de banho, mas, até essa altura, Lueji não conseguira retirar os olhos do ecrã do telemóvel para o ir buscar. Bateu na porta pela qual o tinha visto entrar, e ela abriu-se: ninguém!
– Pára com isso,



Ngueve, não estou disposta a aturar as tuas brincadeiras!
Esperou alguns segundos. Nada.
Então, Lueji procurou o irmão na segunda, terceira e quarta casas de banho. Em qualquer delas, nem sombra de Ngueve!
Restava apenas uma hipótese,

4

ou melhor, um lugar, e este era o parque que se estendia por detrás daquelas casas de banho públicas. Foi para lá que Lueji se dirigiu, sem deixar de observar cuidadosamente os primeiros metros da floresta, antes de partir para a exploração do sítio. Pelo caminho, naquele ambiente misterioso e desconhecido, ia chamando pelo nome do irmão, mas sem obter resposta. Até que parou, sentou-se e começou a ponderar o regresso. Neste momento, percebeu que estava perdida entre as árvores que preenchiam a densa floresta; o ponto de partida há muito que se perdera no horizonte, obstruído pela vegetação, e os ziguezagues que foi desenhando durante o percurso não a ajudavam a refazer o caminho de volta.
«E agora?» pensou, suspirando. «Não me vou perdoar se algo mau acontecer ao Ngueve».



6

**Cria aqui
a tua ilustração
do conto!
Digitaliza-a
e envia-a
para nós.**